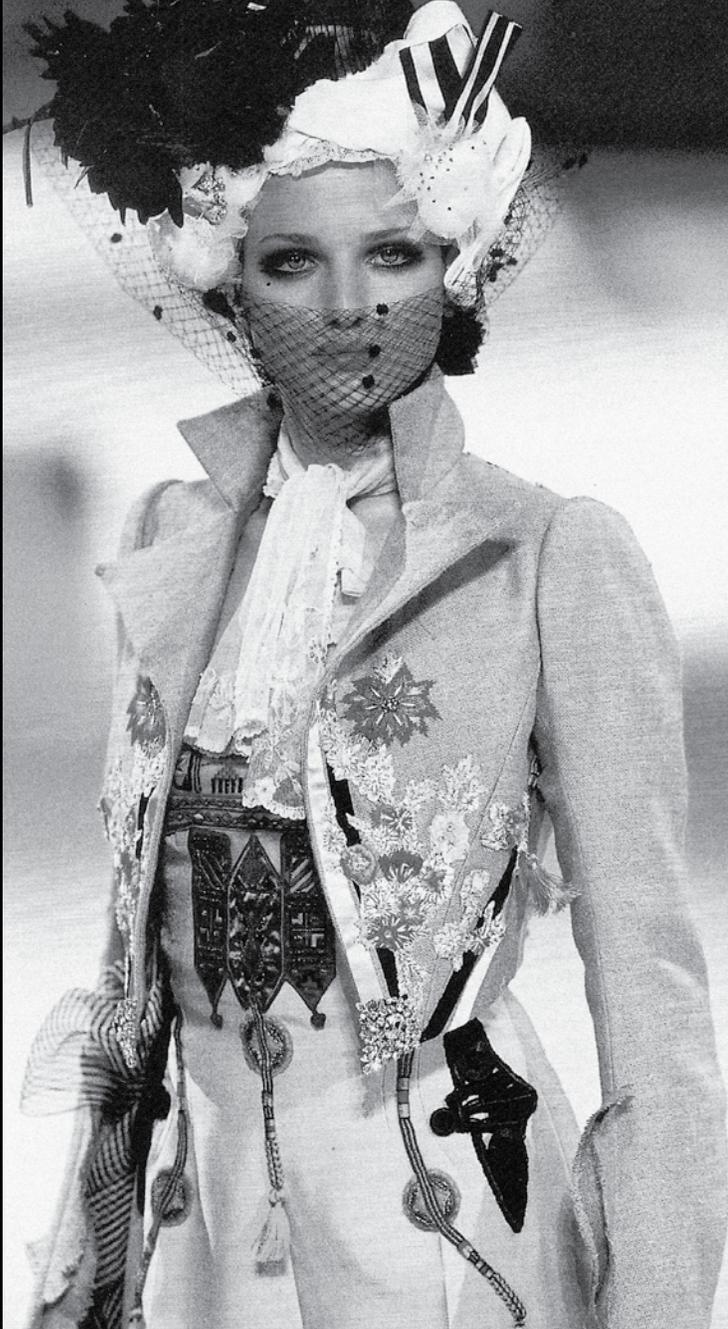


[ JOÃO BRAGA ]

Professor e estilista. Leciona nos cursos de graduação e pós-graduação de diversas escolas de moda, em São Paulo, as disciplinas História da Arte, História da Moda, Cultura de Moda e Estética. É autor dos livros *História da moda: uma narrativa* e *Reflexões sobre moda*, volumes I, II, III e IV, publicados pela Anhembi Morumbi, e coordenador da Coleção Saberes da Moda pela mesma editora.

Coleção alta-costura de Christian Lacroix, verão 2002.  
Fonte: École Lesage. Point de croix et autres secrets broderie.  
Paris: Tana/Lesage, 2003, p. 17.

Casa Lesage  
O luxo da  
grafia de agulhas



O bordado é um domínio técnico associado a uma expressão estética que existe desde tempos imemoriais. É bem provável que tenha surgido entre os povos mais antigos do Oriente e se expandido ao redor do mundo. Há registros de bordados na Mesopotâmia e no Egito Antigo, bem como na Grécia e Roma antigas. É muito usado na Idade Média tanto na indumentária em geral quanto, principalmente, na veste litúrgica. No período do Renascimento não é diferente, bordados em geral são elaborados nas mais diversas roupas; todavia, é na França, nos períodos Barroco e Rococó, na corte dos três últimos Luíses – últimos monarcas da dinastia dos Bourbons – que atinge perfeição técnica e grande esplendor visual. De lá para cá, esta prática torna-se uma realidade das mais significativas como expressão de fausto, luxo, distinção social e manutenção de tradições.

Trata-se de uma técnica que consiste na passagem de uma linha (ou qualquer material correlato) presa a uma agulha sobre determinado suporte, que normalmente é um tecido, mas que pode ser também outro material.

Essa prática passa a ser uma constante durante todo o século XIX com muita exuberância nos diversos estilos presentes naquele momento. Torna-se, ainda, sinônimo de prestígio e estratificação social, ou seja, já o era tanto entre religiosos quanto entre os monarcas, porém, especialmente com o dinheiro advindo da Revolução Industrial, atinge, inevitavelmente, a classe burguesa e converte-se numa referência que, por sua vez, transforma-se em tradição.

O século XX não só mantém técnicas e tradições, como também inova em expressões acompanhando a contextualização de cada época. E agora, no decorrer do século XXI, o bordado ainda é código de prestígio, além de ter se tornado uma das práticas aplicadas para o reconhecimento de valor cultural e sustentabilidade social agregado ao produto.

Do campo para a sociedade urbana; das roupas folclóricas à moda; do artesanato modesto ao alto luxo; do simbólico à pura ornamentação; do manual às sofisticadas máquinas de bordar; dos mais simples fios e linhas às pedrarias e outros elementos; de passatempo ao ofício profissional; de forma terapêutica à manutenção da memória social; a "pintura de agulha" – como também é chamado o bordado – esteve, está e estará presente em processos culturais do Oriente ao Ocidente, de Norte a Sul.

A França, país que excepcionalmente mantém viva sua memória cultural através de diversas tradições, faz do bordado um apuro técnico e uma expressão do mais alto valor do artesanato de qualidade. E, dentro dessas prerrogativas, é fundada, em 1924, uma casa de bordados que, ao longo do tempo, torna-se a principal casa de bordado das terras gálicas. Trata-se da Maison Lesage.

Tudo começa com Albert Lesage (1888-1949), que nasce e morre em Paris, porém esteve nos Estados Unidos após o término da Grande Guerra (1914-1918), onde dirige o departamento de costura do magazine Marshall Field e lá aprende criação, fabricação e gestão de roupas sob medida. Volta a Paris em 1921 e estabelece-se no ateliê do bordador Albert Michonet (que tinha um maravilhoso e famoso acervo de amostras de bordados), e este trabalha para clientes dos mais importantes nomes da moda de então, tais como a Casa Worth, Casa Paquin e também para Madeleine Vionnet de quem se torna bordador titular.

No ateliê de Vionnet, Lesage conhece uma de suas criadoras e pesquisadoras gráfica para bordados, Marie-Louise Favot (mais conhecida como Yo), com quem se casa. Os trabalhos para Vionnet rendem-lhe grande experiência e domínio técnico, favorecendo inovações na arte de bordar. Funda casa própria em 1924 e continua a bordar para os grandes nomes da moda. Em poucos anos chega a fazer 1.500 bordados para Vionnet sem que deixasse de fornecer também para outras casas como Worth, Molyneux, Paquin e Lelong.

Em 1929 nasce o bebê do casal que recebeu o nome de François; em 1931 instala-se em rue de la Grange Batelière (onde ainda hoje a casa se estabelece); a partir de 1934 começa a trabalhar também para Schiaparelli com motivos dos mais inusitados para os bordados e, em 1937, realiza para a criadora italiana (estabelecida em Paris) a coleção *Circo*, um marco na História da Moda que projeta a Casa Lesage internacionalmente. Durante a II Guerra Mundial (1939-1945) teve suas atividades eclipsadas, mas retorna ao trabalho em 1946, após o término do conflito bélico, período que os franceses costumam chamar de *Libération*



(libertação), momento de grande resgate dos valores da alta-costura, e trabalha, então, para Cristóbal Balenciaga, Pierre Balmain e Jacques Fath. Albert Lesage morre em 1949 e, a partir dessa data, seu filho, François Lesage, assume a direção da casa.

François, à semelhança do pai, também teve uma experiência nos Estados Unidos, curta, pois para lá parte aos 19 anos, em 1948, e retorna a Paris em 1949 com a morte do pai. Todavia, estabelece ateliê em Sunset Boulevard e fornece para figurinistas de Hollywood, vestindo estrelas como Lana Turner, Ava Gardner e Marlene Dietrich.

De volta à França trabalha para Pierre Balmain, Cristóbal Balenciaga, Hubert de Givenchy e Madame Carven nos anos 1950, dando continuidade ao trabalho do pai, que passa a ser uma tradição para a família Lesage. Nessa década chega também a bordar para Madame Rosita, ateliê de moda sofisticada e sob medida estabelecido na capital paulista.

Sempre atento às mudanças do tempo, mas sem perder a característica da tradição, François não só passa a trabalhar para novos nomes da moda como Yves Saint Laurent a partir dos anos 1960, como também inova o material de suporte dos bordados, tais como o plástico e os tecidos sintéticos.

Ao longo das últimas décadas do século XX esteve presente na moda da alta-costura e do prêt-à-porter de luxo. É incontestável a supremacia tanto técnica quanto estética dos bordados da Casa Lesage. Chega a bordar para a Casa Saint Laurent os pássaros de Braque e as íris e girassóis de Van Gogh, e em um dos casacos leva aproximadamente 600 horas de trabalho somente com bordados. Borda também para Christian Lacroix, Jean-Louis Scherrer, Claude Montana, Casa Dior (com Bohan, Ferré e Galliano) e, sem dúvida, também para a Casa Chanel.

Em 1992, ao lado do ateliê, no número 13 da mesma rue de la Grange Batelière, François funda a École Lesage, carinhosamente dando às salas de aula nomes como "Schiaparelli", "Vionnet", ali ensinando tanto a amadores quanto a profissionais, tanto a iniciantes quanto a iniciados no mundo da moda a sua primorosa, personalizada e inconfundível técnica de bordado. Como disse certa vez François Lesage: "Um país que perde seu artesanato perde sua alma".

Em visita a Paris, em 1997, para a "Jornada Mundial da Juventude", Sua Santidade, o Papa João Paulo II, tem suas casula e mitra bordadas *chez Lesage*; em 2001 com a colaboração de artesãos marroquinos, borda o enxoval de casamento da realeza do Marrocos. Em 2002 a Casa Lesage é adquirida pela Casa Chanel, no intuito de manter toda a tradição de um *savoir-faire* francês de grande distinção, excelência e qualidade, porém, com livre comércio, ou seja, podendo bordar para outras casas além da Chanel.

O filho de François Lesage, que também se chama François, poucos anos atrás abriu casa própria de bordados mantendo a tradição da família.

Vale ressaltar que, no final de 2009, foi admitido o primeiro brasileiro na Casa Lesage. Trata-se de Ricardo Costa, natural de Parnaíba (PI), cuja família muda-se para o Estado de São Paulo, ainda em sua tenra infância. Em sua juventude cursa moda na Universidade Paulista (Unip); expõe e comercializa chapéus e bonés de autoria e fabricação próprias no Mercado Mundo Mix, em São Paulo; passa uma temporada em Londres, volta ao Brasil e, posteriormente, muda-se para Paris onde está radicado há mais de cinco anos. Em 2008 expõe seus trabalhos de bordado e acessórios na Livraria Cultura da Avenida Paulista. É o escolhido, entre inúmeros franceses e estrangeiros radicados em Paris, tanto por professores e profissionais da Maison/École Lesage, em curso de bordado oferecido pela prefeitura de Paris, para ocupar uma única vaga na Maison Lesage. É o talento e o profissionalismo brasileiros na moda sendo reconhecido no exterior.